

Carlos Tomás Cebola

**A CIGARRA
E
A FORMIGA**

• teatro

1960

Carlos Tomás Cebola

**A Cigarra e a Formiga
um acto de teatro**



1960

Este acto de teatro foi apresentado
pela primeira vez na Sociedade
Circulo Montemorense (Pedrista)
na noite de 27 de Janeiro de 1963.

PERSONAGENS E INTERPRETES

- 1º SOLISTA:.....EMILIO MACEDO
- 2º SOLISTA:.....LEOPOLDO GOMES
- 3º SOLISTA:.....JOSÉ ANTONIO FERRO
- A FORMIGA:.....ROSA MARIA MARQUES
- A CIGARRA :.....ABILIO DELCA
- CÓRO:.....G.A.T.

DIRECCÃO E ENCENAÇÃO DO AUTOR

1º SOLISTA - Era uma vez...

Vou contar-lhes uma história
muito velha, muito antiga!

2º SOLISTA - Já tão velha, como o MUNDO!

3º SOLISTA - Tão antiga, como a VIDA.

A CIGARRA - A história da Cigarra

A FORMIGA - e da Formiga.

CORO - Era uma vez...

2º SOLISTA - Era uma vez... numa tarde de verão,
de verão alentejano, de verão canicular,
sem um rasto de vida pelo chão,
sem um risco de asa pelo ar,
sem uma folha que bailasse
num vento, que não sopprava,
sem um grito que se ouvisse
no aberto descampado.
Era à hora da sesta.

CORO - Que calor!

2º SOLISTA - Da sesta dormida à sombra
de uma árvore que dá...sol.

CORO - Que tristeza!

1º SOLISTA - Onde é que está uma sombra?

CORO - Onde? Onde? Oooooooooonde?

3º SOLISTA - Da sesta dormida ao sol,
sobre a terra ressequida,
sobre esta terra que implora,
que chora,
mas já não grita
porque a voz se lhe secou
de tanto que, em vão, gritou
por uma gota, apenas, de água.

CORO - Que calor!

1º SOLISTA - Onde há uma gota de água?

CORO - Onde? Onde? Oooooooooonde?

3º SOLISTA - Da sesta dormida, ali,
 sobre o restolho queimado,
 sobre o trigo loiro e grado,
 sobre os tojos e as piteiras,
 sobre os rêgos da lavrada
 e entre fontes de suor!

CORO - Pois, era uma vez,
 numa tarde, como esta, de calor,
 sobre esta terra e debaixo deste céu,
 a nossa história aconteceu.

PAUSA
 MÚSICA

A CIGARRA - Era uma vez uma Cigarra,
 cantadeira
 e vadia,
 que, desde manhã até o sol se pôr,
 passava o dia, pelos campos fora,
 tangendo uma Guitarra
 e atirando para o ar
 vélhas canções de amor
 e outras mais que só ela sabia.
 Fazia versos em que cantava a vida,
 escovia canções com a voz do vento,
 o marulhar das águas, num ribeiro,
 e a luz da alvorada.

Comia

quando encontrava
e do que havia.

Quanto a dormir...

era onde calhava,

não tinha cama nem nada.

E, no entanto...

2º SOLISTA - A sua vida era uma festa pegada

de bailados e contigas,

alegrias, romarias,

um verdadeiro arraial.

Porém,

nunca ninguém

a viu em reuniões,

levantar questões,

intrigas,

mal-entendimentos

com esta ou com aquela.

Nunca se viu a Cigarra

dizer mal

de outro qualquer.

Ela era, apenas, o POETA

que fazia do seu mundo uma guitarra

e cantava.

Era este o seu condão.

E, cantando e tocando,

passou todo o verão.

PAUSA

MÚSICA

A CIGARRA - Um dia, a Cigarra a-cordou.

Abriu os olhos

e não viu os campos cheios de luz.

Procurou o sol.

Não se via.

Saltou da cama, em que se encontrava,

um ramo seco que nem folhas tinha,

olhou para o céu

e gritou:

Quem me roubou o sol?

O sol que era meu!

Quem me roubou o sol que aqui havia?

Quem me roubou a vida,

a côr, o pão e a alegria?

Como posso eu viver

sem aquela luz amiga?

1º SOLISTA - E é nesta altura da história

que surge Dona Formiga.

PAUSA

MÚSICA

A FORMIGA - Ora Dona Formiga é um pequeno insecto
muito grave, importante,
sempre vestido de preto,
cabisbaixo e misantropo,
que passa a vida às escuras,
fossando,
cavando,
arrastando
até as coisas mais duras,
com o fito, que ela entende, muito certo
de amealhar,
juntar,
atulhar
os celeiros e a casa até ao tecto,
pois tem horror a todas as misérias.
Em sumã.
Dona Formiga pertence
à classe das pessoas sérias.
Cuida do seu bem-estar
e, ao resto, não liga nenhuma.

PAUSA

MÚSICA

3º SOLISTA - Foi-se o verão. O inverno veio
 com a frio, a chuva, as nortadas,
 os campos crestados das geadas
 e a neve, de permeio.
 O sol deixou de dar calor.
 As plantas deixaram de dar flor.
 Toda a Natureza se amortalhou em nuvens,
 núvens negras e pesadas,
 da côr do frio e da fome,
 da côr do luto e da morte.
 De tal sorte
 que a Cigarra
 julgou as horas contadas.

1º SOLISTA - Pobre Cigarra! Coitada!
 É triste ser-se POETA,
 trazer a alma repleta
 de sonhos, de fantasia,
 e ver-se, assim, de repente,
 sôzinha, no meio de gente,
 e, o que é pior, condenada
 a acabar cheia de frio
 e com a barriga vazia.
 Mas... a história continua.

MÚSICA
 SOBE E DESCE

2º SOLISTA - Certa noite, quando a lua,
muito a custo, muito a medo,
rompeu as núvens do céu,

A Cigarra resolveu
ir procurar a Formiga.

E foi.

Chegou à porta.

Bateu.

A FORMIGA - Quem está lá?

A CIGARRA - Eu: a Cigarra.

3º SOLISTA - E logo a porta se abriu, de par em par,
e aconteceu esta coisa singular
que nunca ninguém ouviu.

Dona Formiga sorriu

e disse:

A FORMIGA - Entra, amiga.

A casa é tua.

Foge desse frio. Da rua.

Temos já o fogo aceso

que o inverno vai. ser duro

e temos a mesa posta.



Vem, POETA! Vem, Cigarra!
 Fosso ,enfim, recompensar
 a música com que animaste
 o meu duro trabalhar.
 Pois, quando o sol apertava
 e eu suave, meio vencida,
 ouvindo a tua guitarra
 minha força renascia
 e, só assim, conseguia
 terminar a minha lida.

1º SOLISTA - E a Cigarra, o POETA,
 ficou tão embaraçada
 que não atinou resposta.
 Pois se a pobre, coitada,
 ouvira sempre contar
 que, nesta altura da história,
 a mandaríam dançar!

Lá entrou.
 Sentou-se ao lume
 e comeu à tripa fôrra
 e comeu até fartar.
 Depois...



CORO - Depois, pela noite fora,
 no silêncio, que caiu,
 envolto no palor da lua
 que se espelhava na neve,
 começou a ouvir-se, muito leve,
 a música suave que saía
 de uma guitarra antiga.
 Era a louca da Cigarra
 tocando
 e talvez dançando
 com a sisuda Formiga.

PAUSA
 MÚSICA

19 SOLISTA - A história não é igual,
 direis, talvez,
 Aquela que muita vez
 vem nos livros de Escola
 e nos compêndios de Moral .
 Pois não.

20 SOLISTA - Mas não faz mal
 porque esta também tem uma lição,
 uma lição de moral,
 agora, infelizmente,
 mais necessária e urgente
 que em outra qualquer idade.

- A CIGARRA - Uma lição de Amor e de Bondade
- A FORMIGA - De Compreensão, de Humanidade
- CORO - Daquela Humanidade
dos Homens tão esquecida.
- A FORMIGA - A Cigarra e a Formiga
nunca tiveram questões,
nunca se travaram de razões,
ainda que haja quem o diga.
- A CIGARRA - Os Homens, esses, sim.
- 3º SOLISTA - Os Homens é que não ajudam
os outros Homens, seus irmãos.
- 2º SOLISTA - Os Homens é que repudiam
os outros Homens, seus Iguais.
- 1º SOLISTA - São eles quem nega a mão
a quem dela necessita.
- 2º SOLISTA - Quem corta os Sonhos: a Vida.
- 3º SOLISTA - Quem mata a PAZ e arma a GUERRA:

A CIGARRA - Quem acende as lutas sobre a Terra

A FORMIGA - E risca o AMOR da HUMANIDADE.

CORO - São eles quem faz o ÓDIO,
a INVEJA e a OFENSA,
a LUTA e a INTRIGA,
a DOR e a VINGANÇA
O LUTO e a DESCRENÇA.

1º SOLISTA - Esquecendo a sua frágil condição
riscaram das próprias almas
o termo COMPREENSÃO

2º SOLISTA - E transformaram-se em MONSTROS
que vômitam FERRO e FOGO.

3º SOLISTA - E das suas mãos, naturalmente, amigas,
fizeram sinistras garras.

A CIGARRA - Julgam-se quase deuses
e não passam de formigas.

A FORMIGA - Ou vêem-se formigas
quando são pobres cigarras.

PAUSA
MÚSICA

1º SOLISTA - E foi assim

que aquele triste inverno,
que ameaçava

uma cigarra cantadeira,

se transformou num lar

acolhedor e terno

com pão para comer

e lume na lareira.

A FORMIGA - E a Formiga não deixou de ser
o que era até ali.

A CIGARRA - E a Cigarra não deixou de ser
o que era até então.

2º SOLISTA - Mais. Penso, até por sinal,
que se acaso alguma história aconteceu
no vasto mundo animal
foi, certamente,
precisamente,
a que acabaram de ouvir.

3º SOLISTA - Por que afinal,
a Cigarra continua cantando todo o verão
e tem as mesmas loucuras de POETA,
a mesma largueza de ambição,
o mesmo espírito,
a mesma alma aberta.

- 1ª SOLISTA - Por isso é que, muitas vezes,
os livros estão errados
e as lições e os exemplos
não estão certos
e os tratados ou qualquer convenção
não passam de papéis
porque lhes falta coração.
- 2ª SOLISTA - Como a vida teria outra cor!
Era tudo tão simples se a mínima acção
fosse um gesto de Amor.
- 3ª SOLISTA - E o mundo pode ser, assim, se tu quiseres.
- A CIGARRA - E tu.
- A FORMIGA - E tu.
- CORO - Todos nós, por muito que se diga.
Basta, apenas, que nos sirva a lição
desta história pequenina e discreta
- A FORMIGA - De uma Cigarra
que tinha alma de POETA.
- A CIGARRA - De uma Formiga
que tinha CORAÇÃO.
- CORO - Que tinha Coração.

- 1ª SOLISTA - Por isso é que, muitas vezes,
 os livros estão errados
 e as lições e os exemplos
 não estão certos
 e os tratados ou qualquer convenção
 não passam de papéis
 porque lhes falta coração.
- 2ª SOLISTA - Como a vida teria outra côr!
 Era tudo tão simples se a mínima acção
 fosse um gesto de Amor.
- 3ª SOLISTA - E o mundo pode ser, assim, se tu quiseres.
- A CIGARRA - E tu.
- A FORMIGA - E tu.
- CORO - Todos nós, por muito que se diga.
 Basta, apenas, que nos sirva a lição
 desta história pequenina e discreta
- A FORMIGA - De uma Cigarra
 que tinha alma de POETA.
- A CIGARRA - De uma Formiga
 que tinha CORAÇÃO.
- CORO - Que tinha Coração.